

A história  
dos  
**ANABATISTAS**

Uma introdução ao Anabatismo do século XVI  
(Terceira edição, revisada e ampliada)

*William R. Estep*

Primeira edição em português



[www.LMSdobrasil.com.br](http://www.LMSdobrasil.com.br)

São Paulo – SP

Literatura Monte Sião

2017

## A HISTÓRIA DOS ANABATISTAS

Uma introdução ao Anabatismo do século XVI (Terceira edição, revisada e ampliada)  
William R. Estep

Traduzido do espanhol: *La Historia de los Anabaptistas: Revolucionarios del siglo XVI*  
- Una introducción al anabaptismo del siglo XVI

© 2008 Publicadora Lâmpada e Luz, 26 Road 5577, Farmington, NM 87401

Traduzido para o português pela Literatura Monte Sião do Brasil com permissão da  
Publicadora Lâmpada e Luz.

Edição original: *The Anabaptist Story: An introduction to sixteenth-century Anabap-  
tism / 3rd ed., rev. and enl.* © 1975, 1996 Wm. B. Eerdmans Publishing Company  
255 Jefferson Ave. S.E. Grand Rapids, Michigan 49503 EUA/  
P.O. Box 163, Cambridge CB3 9PU U.K.

A não ser que se indique o contrário, todas as citações bíblicas foram tiradas da versão  
Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original de João Ferreira de Almeida. Usado com  
permissão da Sociedade Bíblica Trinitariana.

Impresso no Brasil pela

**Literatura Monte Sião do Brasil**

**Caixa Postal 241**

**Av. Zélia de Lima Rosa, 340**

**18550-970 Boituva – SP**

**Fone: (15) 3264-1402**

**e-mail: LMSdoBrasil@gmail.com**

**www.LMSdoBrasil.com.br**

Tradutor: Oscar E. Carrivale

Revisores: Alexandros e Simone Meimaridis

Capa: Quadro de Dirk Willems © Scroll Publishing Co.

ISBN: 978-85-64737-33-4

Copyright © 2017 Literatura Monte Sião

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Proibida a reprodução do conteúdo por quaisquer meios, salvo em breves citações,  
com indicação da fonte.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E79h

Estep, William R.

A história dos anabatistas: uma introdução ao anabatismo do  
século XVI / William R. Estep ; tradução Oscar Carrivale. – São Paulo  
(SP): Literatura Monte Sião, 2017.

336 p.

Título original: La Historia de los Anabaptistas.

ISBN 978-85-64737-33-4

1. Anabatistas. 2. Batistas. I. Carrivale, Oscar. II. Título.

CDD-284.3

*Dedico esta terceira edição do*  
*“The Anabaptist Story”*  
*a duas pessoas que andaram nos passos dos anabatistas,*  
*tanto física quanto espiritualmente:*

*John Allen e Pauline Willingham Moore,*

*Servos da Palavra*  
*na Europa*  
*de 1938 a 1978.*

Quanto à ilustração da capa: Em 1569, as autoridades católicas ordenaram a captura de Dirk Willems, um irmão anabatista que seguia o Senhor fielmente. Ele atravessou um rio congelado para tentar escapar. No entanto, quando seu perseguidor tentou atravessá-lo, a camada de gelo quebrou e ele caiu nas águas geladas. Dirk voltou e o resgatou de uma morte certa. O perseguidor, profundamente comovido pela demonstração de amor, quis deixá-lo em liberdade. Mas, o oficial que estava do outro lado do rio, ordenou-lhe que o capturasse.

Após várias semanas, chegou o dia da execução do irmão Dirk determinada pela Igreja Católica. Um forte vento soprava sobre a planície desde o Oriente. Ele foi amarrado a uma estaca para ser queimado vivo. Entretanto, o vento impedia que as chamas atingissem os membros superiores do seu corpo, e seu sofrimento tornou-se terrível visto que apenas suas pernas estavam sendo queimadas. As pessoas do povoado mais próximo escutaram-no exclamar mais de 70 vezes: “Ó meu Senhor, meu Deus!”

Finalmente, o juiz disse ao carrasco: “Execute o homem com uma morte rápida”. Dirk suportou fielmente esse último sofrimento de sua vida e, certamente, recebeu a coroa da glória eterna.

Quadro de Dirk Willems © Scroll Publishing Co. Usado com permissão. Para obter reproduções desse quadro, favor entrar em contato com Scroll Publishing Company, P.O. Box 122, Amberson, PA 17210 EUA.

# Índice

Prólogo à terceira edição em inglês	vii
Introdução	1
1. <i>O nascimento do Anabatismo</i>	9
2. <i>Meteoros à noite</i>	31
3. <i>Um testemunho excepcional</i>	59
4. <i>A verdade é imortal</i>	79
5. <i>De Zollikon a Augsburgo</i>	109
6. <i>Sobre a Morávia e a comunhão de bens</i>	131
7. <i>Menno Simons e o Anabatismo holandês</i>	155
8. <i>O Anabatismo e a teologia da Reforma</i>	183
9. <i>O batismo e o discipulado</i>	207
10. <i>A Igreja e o Estado</i>	241
11. <i>Através dos mares e dos anos</i>	273
Índice de assuntos, autores e títulos	313





## *Prólogo*

### *à terceira edição em inglês*

**T**HE ANABAPTIST STORY (“A HISTÓRIA DOS ANABATISTAS”) FOI publicado, originalmente, em 1963. Doze anos mais tarde, há mais de 30 anos, publicou-se a primeira edição revisada.

Desde então, o crescente interesse pelos anabatistas do século XVI tem levado a uma renovada investigação que, por sua vez, resultou na produção recente de um número expressivo de livros com uma variedade de perspectivas.

Embora o livro *The Anabaptist Story* (“A História dos Anabatistas”) tivesse continuado a ser publicado e usado entre as congregações e nas escolas, a obra já estava um tanto ultrapassada. À luz da investigação mais atual, vi-me confrontado com três opções. Em primeiro lugar, eu podia deixar de lado as obras mais recentes e esperar que *The Anabaptist Story* seguisse seu curso. Em segundo lugar, podia produzir um novo livro que refletisse, principalmente, uma historiografia crítica dos últimos 25 anos. Em terceiro lugar, poderia realizar uma nova revisão, e não uma nova obra. Decidi-me por essa última opção.

Foram várias as razões que me levaram a tomar essa decisão. Primeiramente, *The Anabaptist Story* (“A História dos Anabatistas”) foi muito bem recebido, especialmente a partir da segunda edição, que me parecia pouco aconselhável substituí-la por outro livro. A obra tornou-se o texto padrão no assunto (ou obra de referência) tanto em faculdades quanto em seminários teológicos nos Estados Unidos e em outros países.

Atualmente, há edições disponíveis em espanhol, italiano, servo-croata, checo e coreano. Tal obra continuará vigente para as futuras gerações de estudantes. Além disso, as razões que desde o princípio fizeram surgir sua publicação ainda são relevantes. Por esse motivo, achei sábio publicar outra edição revisada. (...)

### **Tendências nos estudos anabatistas**

Os últimos 30 anos foram testemunhas de alguns avanços interessantes no estudo do Anabatismo, como refletidos nos grandes volumes e também em artigos de revistas históricas, bem como em congressos acadêmicos.

Antes da década de 60, os historiadores de orientação teológica dominavam o campo da investigação anabatista. Embora a maioria desses historiadores fosse menonita, havia alguns que não eram, tais como A. H. Newman, H. C. Vedder, Roland Bainton, Frank H. Littel e George Huntston Williams. Entretanto, foram Harold Bender, da Faculdade Goshen, e Fritz Blanke, da Universidade de Zurique, que lideraram o redescobrimto do movimento anabatista como uma corrente identificável da Reforma Protestante.

Em seus escritos, os anabatistas distinguem-se claramente dos *Spiritualisten* (inspiracionistas) e dos racionalistas. Também demonstraram que as origens do movimento se encontram dentro da Reforma suíça sob a liderança de Zuínglio. De acordo com sua reconstrução do panorama histórico, foram os “irmãos suíços”, primeiro sob a liderança de Conrado Grebel e Félix Manz, e logo depois Michael Sattler, que estabeleceram normas para que os diferentes grupos anabatistas pudessem ser avaliados. Os critérios pelos quais o “Anabatismo normativo” foi determinado não eram apenas históricos, mas éticos e teológicos. Como expressou Blanke: “Apenas na fonte de um movimento correm águas puras”. Muitos historiadores contemporâneos, até mesmo os menonitas, reagiram contra essa posição.

Pouco a pouco, os historiadores eclesiásticos foram substituídos por historiadores sociais, e esses se encontram no processo de tentar uma história revisionista do Anabatismo. Ao explicarem o movimento Anabatista no seu contexto político e social, acrescentaram outra dimensão à nossa compreensão das muitas facetas da época da Reforma. A



## PRÓLOGO À TERCEIRA EDIÇÃO EM INGLÊS

insistência no fato de o Anabatismo ter origens múltiplas, uma posição já antecipada por A. H. Newman, Jan Kiwiet e outros, foi formalizada como “a teoria do poligenismo” por James M. Stayer. Do mesmo modo, a teoria de Bullinger sobre a estreita relação entre Thomas Münster e a Guerra dos Camponeses alemães com o surgimento do movimento Anabatista desfrutou de um renascimento tardio.

O fiasco de Münster, mais uma vez, converteu-se em tema de interesse. Porém, não podemos alegar que os historiadores sociais sejam parciais e, conseqüentemente, descartar grande parte de sua investigação, visto que muitos deles produziram obras eruditas a partir de investigações cuidadosas. Tampouco podemos permitir certas suposições que fundamentam seus trabalhos nem que algumas de suas conclusões continuem sem serem confrontadas.

A suposição de que os historiadores confessionais estejam — mesmo quando investigam as raízes das comunidades de sua própria fé — desqualificados para fazer a obra de um historiador crítico devido à sua orientação religiosa é, sem dúvidas, injustificável. Todo historiador eclesiástico responsável reconhece, como Penrose Saint-Amant afirmou, que a fé não tem poder para criar a história, tampouco para conceder uma licença para distorcê-la: “Supõe-se que o historiador não deva permitir que nenhuma mensagem do passado que, em sua opinião, venha interferir no presente impeça o esforço de reconstruí-lo de forma objetiva. Ele deve lembrar, segundo nos é dito pelo Prof. John Knox, que ‘a fé não tem poder para criar fatos históricos’”.<sup>1</sup> Pela mesma razão, o historiador secular não está necessariamente livre de preconceitos ou de um enfoque partidarista devido à sua falta de fé pessoal ou lealdade a uma confissão. Na verdade, todo historiador tem algum preconceito, mas, devido a vocação que tem, todos se veem obrigados a tratar os fatos históricos honestamente.

É claro que alguns não o fizeram. Heinrich Bullinger é um exemplo disso. No entanto, não foi assim com Fritz Blanke, pertencente à mesma Igreja Reformada Suíça, cuja monografia intitulada *Brüder in Christo* é um modelo de uma monografia solidamente pesquisada. Portanto, o fato de um historiador ser uma pessoa religiosa não impede a objetividade necessária para seu ofício.

1. Penrose Saint-Amant, *Christian Faith and History* (Fort Worth, Texas: Holland Foundation Lectures, 1954), p. 2.

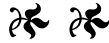
## A HISTÓRIA DOS ANABATISTAS

Nesta edição revisada de *The Anabaptist Story* (“A História dos Anabatistas”), questiono várias suposições sustentadas pelos historiadores contemporâneos acerca do Anabatismo do século XVI. Por exemplo, os que pressupõem que o movimento Anabatista tenha sido simplesmente outra expressão da Guerra dos Camponeses alemães não levam em conta as profundas diferenças históricas e teológicas entre os dois movimentos. Considerar que o anticlericalismo dos camponeses alemães fosse do mesmo gênero sustentado por Erasmo ou pelos “irmãos suíços” é, mais uma vez, não entender ou não apreciar a visão religiosa fundamental que levou os anabatistas a preferirem sacrificar suas vidas a trair sua fé. De fato, a diferença entre esses dois movimentos equivalia à diferença entre a anarquia e o senhorio de Cristo. Entretanto, os que não conseguirem entender essa distinção estarão mal preparados para compreender a essência do Anabatismo.

### **Propósito reapresentado**

Este livro foi escrito, pela primeira vez, com a convicção de que um estudo dos anabatistas do século XVI seria instrutivo, tanto para nós que buscamos seguir a Cristo nestes tempos modernos por meio de um discipulado obediente, como para aqueles que ainda buscam uma vida com significado e propósito. Junto com Arnold Toynbee, penso que o trabalho do historiador é mais abrangente que o trabalho de um antiquário ou de um acadêmico que investiga apenas por amor à profissão. Portanto, neste livro, espero dar algo a mais do que apenas informação. Tenho a esperança de que, por meio destas páginas, o mundo do século XVI torne-se vivo, outra vez, juntamente com os anabatistas, com todos os seus defeitos e suas virtudes, com seus pontos fortes e fracos, mas, acima de tudo, com a fé e os ideais que os motivaram a testemunhar em atos e palavras, na vida e na morte, por aquela verdade que, para eles, valia à pena morrer.

O formato deste livro permanece o mesmo das edições anteriores, mas algumas seções foram ampliadas. As notas que acompanham cada capítulo farão menção às fontes contemporâneas mais relevantes, ao passo que uma bibliografia selecionada incluirá apenas as obras que consideramos serem as mais úteis para o leitor.



## Introdução

A HISTÓRIA DO ANABATISMO DO SÉCULO XVI PERTENCE À CATEGORIA de histórias que poderíamos designar como “agora podem ser contadas”. Talvez não exista nenhum grupo na história do cristianismo que tenha sido julgado tão injustamente como eles foram. Sua história foi mal-entendida, deliberadamente deturpada, ou completamente ignorada. Com exceção da geração atual e de um punhado de historiadores competentes, todos os historiadores se uniram, ao longo de quatro séculos, para reprová-los.<sup>1</sup>

Há vários fatores que explicam essa situação desconcertante e inescusável. O primeiro deles é a polêmica hostil. Os eruditos das gerações passadas se apoiaram em relatos pouco confiáveis e altamente partidários em relação à esse movimento do século XVI que aparecem nos escritos de Ulrico Zuínglio, Justus Menius, Heinrich Bullinger e Christoph Fischer, sem mencionar os relatos mais benignos, embora também errôneos de Martinho Lutero e Felipe Melanchthon.<sup>2</sup> Outros

1. Começando com as obras de C. A. Cornelius e Ludwig Keller na Europa, e John Horsch nos Estados Unidos, tem havido um progresso notável tanto em materiais de estudo disponíveis para os estudantes do movimento Anabatista do século XVI como na maneira de os historiadores não menonitas lidarem com esse assunto. Um exemplo dessa mudança é a publicação de *The Recovery of the Anabaptist Vision* escrito por Guy F. Hershberger (Scottsdale, Pa.: Herald Press, 1957), em que aparecem capítulos escritos por eruditos interessados de diferentes denominações.

2. Os mais hostis desses foram *Der Widertäuferen Ursprung, fürgang, Secten, wäsen, fürneme und gemeine jrer leer Artickel de Heinrich Bullinger*, publicado em 1561, e o

## A HISTÓRIA DOS ANABATISTAS

problemas foram a falta de materiais de consulta, a falta de interesse da parte dos eruditos europeus e a falta de vontade dos historiadores norte-americanos (com notáveis exceções) em lidar com os materiais que estavam disponíveis.<sup>3</sup>

---

*Von der Wiedertauffer verfluchtem Ursprung, gottlosen Lehre und derselben gründliche Widerlegung* de Christoph Andreas Fischer de 1603.

3. As fontes mais importantes do Anabatismo, ora as que foram descobertas recentemente, ora as postas à disposição do público pela primeira vez em séculos são as seguintes:

(A) Em 1923, Rudolf Wolkan editou e publicou o *Geschichts-Buch der Hutterischen Brüder* (Wien: S. Fromme). Durante anos, acreditou-se que esse material estivesse perdido. Beck não conseguiu encontrar uma cópia dele. Finalmente, o material apareceu em uma das colônias huteritas no Paraguai e foi posto à disposição da comunidade internacional por Wolkan. Em 1943, publicou-se uma edição norte-americana. (B) Em 1947, A. J. F. Zieglschmid publicou *Das Klein-Geschichtsbuch der Hutterischen Brüder* (Philadelphia: Carl Schurz Memorial Foundation). Esse material é tão extenso quanto o *Large Chronicle* (Die älteste Chronik der Hutterischen Brüder). Além de uma biografia quase exaustiva dos anabatistas, também contém a *Gemeinde Ordnungen*, até esse momento desconhecida, e uma história dos irmãos huteritas desde 1802 até 1947.

(C) Em 1939, publicou-se, tanto em alemão como em inglês, a *Confissão* de 1560 de Claus Felbinger pela Society of Brothers, Primavera, Alto, Paraguai, na sua revista *Plough and Pflug*. O manuscrito, previamente desconhecido, foi encontrado na Zentralbibliothek de Zurique, Suíça. Desde então, foi posto à disposição do leitor inglês por Robert Friedman, “Claus Felbinger’s Confession of 1560”, *The Mennonite Quarterly Review* 29 (abril 1955): 141–61. Daqui em diante, *The Mennonite Quarterly Review* aparece como MQR.

(D) Em 1946, Samuel Geiser encontrou no sótão de uma fazenda menonita perto de Langnau, Suíça, um códice sem data que em 1737 pertencia a “Claus Wüterich in der vardenen Noremat Un Trub” em Emmenthal, cantão de Berna, Suíça. Esse material foi transcrito em 1955, formando um manuscrito de 156 páginas datilografadas. Contém treze hinos, alguns dos quais datam do ano 1530, e cinco escritos doutrinários que datam de 1529 a 1583.

(E) Em 1949, traduziu-se e publicou-se, pela primeira vez em inglês, o *Rechenschaft* de Peter Riedemann.

(F) Em 1954, Robert Friedmann descobriu um manuscrito, *Offenbarung Johannis*, uma exposição do livro de Apocalipse em 22 capítulos, 162 folhas copiadas por Elias Walter em 1883. Tal manuscrito resultou ser um comentário escrito por um franciscano espiritual conhecido pelo nome de Petrus Johannis Olivi (1248–98), publicado pela primeira vez um ano depois de sua morte em 1299 e que, aparentemente, esteve nas mãos dos huteritas desde 1573.

(G) Em 1955, Heinold Fast descobriu na Bürgerbibliothek em Berna, Suíça, o manuscrito de um códice de 740 páginas com data de 21 de setembro de 1561, escrito por Jörg Maler de Augsburg, editor e copista. Ele continha o *Kunstabuch*, alguns

## INTRODUÇÃO

Em 1534, um grupo de fanáticos em Münster tentou estabelecer o reino de Deus pelo uso da força. Antes de serem derrotados, muitas atrocidades já tinham sido cometidas em nome da religião.

A esse fiasco, a aberração mais grave do Anabatismo do século XVI, foi dada uma relevância exagerada.<sup>4</sup> Münster fortaleceu a posição dos que perseguiram os anabatistas cujo nome foi difamado por sua causa.

---

artigos de pouca importância, e 42 cartas e documentos de 1527–55, principalmente do grupo de anabatistas do sul da Alemanha associado com Pilgram Marpeck. Pouco tempo depois, Fast escreveu uma descrição detalhada do *Kunstbuch* e um comentário que explica seções desse importante documento. Veja William Klassen, “Pilgram Marpeck in Recent Research,” MQR 32 (julho 1958): 211–14 para mais informações sobre esse descobrimento.

(H) No mesmo ano, 1955, Fast and Gerhard Goeters descobriram dois códices adicionais de menor importância.

(I) Também, em 1955, foram encontrados na biblioteca da cidade de Bratislava (Pressburg), Checoslováquia, 22 códices huteritas (faltam três) que antes estavam em Schloss Mittersill, Áustria.

(J) Em 1957, publicou-se um novo livro em inglês com artigos selecionados de escritores anabatistas e inspiracionistas. O livro, intitulado *Spiritual and Anabaptist Writers* (Philadelphia: Westminster Press, 1957), foi editado por George Hunston Williams e Angel Mergal, e contém seleções das obras de George Blaurock, Thomas Müntzer, Hans Denck, Balthasar Hübmaier, Melchior Hofmann, Obbe Philips, Dietrich Philips, Menno Simons, Ulrich Stadler, Sebastián Franck e Casper Schwenckfeld. Aproximadamente 100 páginas são dedicadas a uma tradução de seleções das obras de Juan de Valdés. Além disso, essa obra contém uma bibliografia bastante completa de traduções inglesas representativas da Reforma Radical (1524–75). (K) Harold Bender escreve: “O único tratamento compreensivo da historiografia anabatista que é possível citar é o que foi escrito por Christian Hege em seu artigo ‘Geschichtsschreibung’ em *Mennonitisches Lexikon*, Vol. II, 96–101”, MQR 31 (abril 1957): 100. Posteriormente, Hans Joachim Hillerbrand compilou a bibliografia mais extensa sobre o Anabatismo, publicada sob o título *A Bibliography of Anabaptism, 1520–1630* (Elkhart, Ind.: Institute of Mennonite Studies, 1962). Em 1975, o Center for Reformation Research publicou em sua série *Sixteenth Century Bibliography* uma continuação, *A Sequel—1962–1974*, da anterior *A Bibliography of Anabaptism, 1520–1630* de Hillerbrand.

(L) Em 1958, os huteritas do Canadá permitiram a Robert Friedmann o acesso a uma coleção de cartas de origem anabatista do século XVI desconhecida até aquele momento. O valor desse material é desconhecido até o presente.

4. Tem-se falado bastante sobre Münster. Esse fato esteve à margem da vida anabatista. Esteve completamente divorciado do coração bíblico e evangélico do movimento. Münster deve ser interpretado à luz de todo o movimento, e não o movimento à luz de Münster. Cornelius Krahn, em seu livro *History of Dutch Anabaptism, Origin, Spread, Life and Thought* (1450–1600) (The Hague: Martinus Nijhoff, 1968), enfoca todo o episódio de Münster na sua justa medida.

## A HISTÓRIA DOS ANABATISTAS

De uma maneira nunca vista, o termo anabatista recebeu apelidos tais como *Schwärmer* (fanático), *Bolchevique* (comunistas) e “enteados da Reforma”.<sup>5</sup>

Em certas ocasiões, a natureza da Reforma Anabatista foi mal-interpretada devido à confusão no uso dos seguintes nomes: anabatistas, inspiracionistas (*Spiritualisten*), racionalistas (antitritários) e libertinos. Os luteranos, constantemente, associavam os inspiracionistas radicais, como foi o caso dos profetas de Zwickau e Thomas Müntzer, com os “irmãos suíços”. Frequentemente, os calvinistas os relacionavam com os racionalistas e libertinos. De forma deliberada ou não, tal tratamento negligente não ajudou a causa anabatista nem encorajou a história para que os julgasse de modo apropriado.

Entretanto, as investigações recentes, desenvolvidas de uma perspectiva mais objetiva e menos acalorada, moderou a situação.<sup>6</sup>

5. Lutero os chamou de *Schwärmer*, que traduzido literalmente significa “entusiastas”. Preserved Smith usa o termo *Bolchevique* em *The Age of the Reformation* (New York: Henry Holt, 1920), p. 154. Williams aponta que J. Lindeboom, *Stiefkinderen van het Christendom*, usa o termo “enteados da Reforma”. Veja Williams e Mergal, *Spiritual and Anabaptist Writers*, p. 26. Além disso, veja Leonard Verduin, *The Reformers and Their Stepchildren* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1964), para um estudo teológico incisivo do Anabatismo do século XVI que utiliza como cabeçalhos os termos de censura empregados contra os anabatistas.

6. Na atualidade, não há desculpas em virtude dos materiais agora disponíveis, para que o estudante da Reforma bem-informado confunda os diferentes grupos da Reforma radical. A “ala esquerda da Reforma” é uma expressão empregada por Bainton para caracterizar os inspiracionistas, anabatistas e racionalistas, mas Williams prefere “A Reforma Radical”. “Os três grupos dentro da Reforma Radical”, sugere Williams, “concordam em cortar pela raiz e libertar a igreja e o credo daquilo que eles consideravam o crescimento sufocante da tradição eclesiástica e da prerrogativa do magistério [da Igreja Católica]. É isso que, precisamente, faz com que esses movimentos sejam chamados de “Reforma Radical” (Williams e Mergal, *Spiritual and Anabaptist Writers*, p. 22). Williams não é o primeiro a usar essa terminologia, mas ele explica por que devemos preferir tal uso. De fato, durante meio século, existiu uma distinção técnica similar feita por alguns eruditos. Já no ano 1531, William Barlow, um estudante inglês do movimento Anabatista continental, referiu-se a dito movimento como “a terceira facção” da Reforma. Veja Irvin B. Horst, “England”, *Mennonite Encyclopaedia*, 2:220. Daqui em diante, *Mennonite Encyclopaedia* aparece como ME.

### Historiografia anabatista

C. A. Cornelius, um erudito católico romano, foi um dos primeiros historiadores a fazer uma nova análise do movimento Anabatista. Ele consultou as fontes em vez de se guiar por relatos perversos de escritores antagônicos. Sua obra, *Die Geschichte des Münsterischen Aufbruchs* (1855), marca o início da historiografia Anabatista moderna. Esse esforço precursor animou Ludwig Keller a continuar os estudos em uma linha similar. Ludwig publicou três livros sobre o tema. Ernst Troeltsch e Max Weber em suas “obras sócio-religiosas” fizeram contribuições inestimáveis para a historiografia Anabatista.<sup>7</sup> Atualmente, conta-se com excelentes versões da historiografia desse movimento do século XVI em inglês.<sup>8</sup>

Todos os estudantes do movimento Anabatista são devedores a esses eruditos talentosos das diferentes denominações. De fato, uma obra como essa teria sido algo muito falho sem os frutos da erudição desses estudiosos.

### Novo interesse nos anabatistas

O renascimento do interesse nos anabatistas foi estimulado por outros fatores além dos já mencionados.<sup>9</sup> Entre eles, encontra-se

7. Veja Hershberger, *Recovery of Anabaptist Vision*, pp. 4–5, para os títulos das obras escritas por Keller, Troeltsch e Weber.

8. Veja Franklin Hamlin Littell, *The Anabaptist View of the Church* (Boston: Starr King Press, 1958). A primeira edição foi publicada em 1952 como o Ensaio Premiado do Fundo de Frank S. Brewer da Sociedade Americana da História da Igreja. Essa edição apresenta uma historiografia Anabatista e problemas relacionados, pp. 5–18. Essa seção aparece revisada e atualizada na segunda edição, 1958. Dois dos artigos, “Historiography of the Anabaptists”, MQR 31 (abril 1957): 88–104, e “Historiography”, escritos por Harold S. Bender e Cornelius Krahn em ME, 2:51–69, são de grande valor. Além disso, veja George Huntston Williams: “*Studies in the Radical Reformation* (1517–1618): A Bibliographical Survey of Research Since 1939”, *Church History* 27 (Abril 1958): 124–60. Na introdução da obra de Williams e Mergal, *Spiritual and Anabaptist Writers*, Williams oferece um magnífico estudo bibliográfico da Reforma radical junto com muitas sugestões de como interpretar o movimento. A terceira edição de *The Radical Reformation* de George Huntston Williams (Kirksville, MO.: Sixteenth Century Journal Publishers, Inc., 1992) continua sendo a interpretação histórica detalhada mais compreensiva de toda a Reforma radical. Nenhum estudante do Anabatismo pode negligenciar essa obra importante.

9. Os fatores já mencionados são novos descobrimentos de materiais de consulta

## A HISTÓRIA DOS ANABATISTAS

o crescimento surpreendente de igrejas livres. Esse crescimento e a cristalização dos conceitos marxistas apresentam desde uma variedade de ideologias muito divergentes até novos desafios aos antigos conceitos de igrejas estatais.

Visto que o sistema de igrejas estatais se viu ameaçado pelo comunismo no mundo ocidental, os que consideravam tal sacramentalismo sacrossanto se viram-se obrigados a examinar, pela primeira vez, os méritos do conceito das igrejas livres. As denominações nos Estados Unidos tiveram êxito em operar sem o apoio do Estado. Por outro lado, o sistema de igrejas estatais revela sérios fracassos em seus respectivos continentes. Tais fatos levaram muitas pessoas a compreender que um monopólio religioso apoiado pelo Estado pode ser apenas uma bênção adulterada.<sup>10</sup>

A crítica feita por Søren Kierkegaard, da igreja oficial da Dinamarca, não chegou a acender uma chama que ameaçasse consumir “o sistema” em seu tempo. Entretanto, seu juízo se justifica pelo fato daquela chama encontrar-se ardendo intensamente na atualidade. Os teólogos dos círculos neo-ortodoxos são, em grande medida, responsáveis por tal situação dentro do cristianismo protestante. Karl Barth e Emil Brunner alimentaram as chamas do criticismo analítico dos sistemas de igrejas estatais. Criticaram-nas nos mesmos pontos que o Anabatismo do século XVI fez com a Igreja Católica Romana, a Igreja Luterana e a Igreja Reformada. A obra *Die Kirchliche Lehre von der Taufe*<sup>11</sup> de Barth foi um golpe assombroso contra os antigos erros batismais. Oscar Cullmann, T. F. Torrance e John Baillie tentaram, com valentia, confrontar a obra de Barth.<sup>12</sup> Entretanto, uma crítica

---

e o surgimento de obras recentes sobre o Anabatismo do século XVI.

10. Duas obras modernas sobre o movimento de igrejas livres nos indicam o crescente interesse nesse campo de pesquisa: Franklin Hamlin Littell, *The Free Church* (Boston: Starr King Press, 1957), e Gunnar Westin, *The Free Church through the Ages*, tradução de Virgil Olson (Nashville: Broadman Press, 1958).

11. (Zürich: Evangelischer Verlag AG, 1953). Veja a tradução de Ernest A. Payne, *The Teaching of the Church Regarding Baptism* (Londres: SCM Press, 1954).

12. Para um bom debate dos temas na controvérsia atual, veja Robert G. Bratcher, “The Church of Scotland’s Report on Baptism”, *The Review and Expositor* 54 (abril 1957): 205–22. A melhor defesa do batismo de crianças apresentada até agora é a de Oscar Cullmann, *Die Tauflehre des Neuen Testament* (Zurich: Zwingli-Verlag, 1948). J. K. S. Essa obra foi traduzida por Reid sob o título *Baptism in the New Testament* (Chicago: Henry Regnery Company, 1950). O objetivo explícito de Cullmann é



## INTRODUÇÃO

responsável em relação ao batismo de crianças e a outros apêndices externos da teologia medieval ainda permanecem. Esse debate ajudou colocar o foco da investigação histórica sobre aqueles que, durante um tempo, conduziram o movimento de igrejas livres, isto é, os outrora desprezados anabatistas.<sup>13</sup>

### O propósito desta obra

Quem foram os anabatistas do século XVI? Foram hereges, fanáticos ou santos? Onde se originou o movimento? Qual foi sua relação com a Reforma? Os anabatistas formam um movimento que se desenvolveu de maneira diferente dentro da Reforma? Quais foram os objetivos do movimento? Quais eram suas crenças em relação a Deus, ao homem, à igreja, ao batismo e à vida cristã? Que tipo de pessoas eles eram? Essas e outras perguntas encontram suas respostas nas páginas seguintes, as quais tentam contar a história dos anabatistas.

Hoje é o momento oportuno para contar novamente a história desse movimento pouco conhecido. A importância de um novo estudo sobre esse assunto se tornará cada vez mais evidente à medida que a narração se desenvolver. Isto é verdadeiro devido ao legado histórico com o qual muitas denominações modernas estão em dívida, e devido aos problemas que o cristianismo evangélico no mundo de hoje enfrenta. Os anabatistas têm algo a dizer à geração atual? O autor está convencido que eles têm algo a dizer e foi isso que o inspirou nesse esforço para escrever sua história e oferecê-la à geração atual.

A narração começa com o auge dos anabatistas na Suíça e segue sua viagem em busca da liberdade através da Europa. Entrelaçada com descrições biográficas dos primeiros líderes e teólogos do movimento,

---

combater o ataque de Barth contra o batismo de crianças. Cullmann o considera falacioso, mas significativo: “Seu estudo é, na realidade, o desafio mais sério ao batismo de crianças já produzido”. (pp. 7–8).

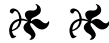
13. Veja Karl Barth, *Die Taufe als Begründung des christlichen Lebens* (Zürich: EVZVerlag, 1967); Athol Gill, *A Bibliography of Baptist Writings on Baptism, 1900–1968* (Rüschlikon-Zürich: Baptist Theological Seminary, 1969); *The Review and Expositor* 65, no. 1 (Louisville, 1968) para um simpósio de artigos sobre o batismo; veja, além disso *The Anvil* 1, no. 4 (Melbourne, 4 de junho, 1969), que também se dedica, em grande medida, ao diálogo contemporâneo sobre o batismo.

## A HISTÓRIA DOS ANABATISTAS

a história se transporta desde a Holanda até a Inglaterra e, finalmente, até as colônias do Novo Mundo. Também fazemos uma tentativa de examinar a relação entre o Anabatismo continental e os primeiros batistas ingleses, bem como determinar a influência do Anabatismo sobre o separatismo norte-americano e inglês.

Espera-se que esta obra sobre os anabatistas do século XVI seja uma apresentação satisfatória do movimento. Evidentemente, o Anabatismo, por si só, merece especial atenção, independentemente da possível relação histórica com outros grupos.

# 1



## *O nascimento do Anabatismo*

**E**M UMA NOITE FRIA DE OUTUBRO DE 1517, O DIA 31 PARA SER exato, um monge agostiniano vestido de negro se dirigiu furtivamente até a igreja do castelo. O local era num povoado alemão medieval e insignificante chamado Wittenberg. Com marteladas rápidas e decididas, o monge pregou na porta da igreja, a qual servia também como mural de anúncios para o povo, um dos documentos mais inflamáveis da época. Em duas semanas, em toda a Europa, ecoava o barulho daquele martelo inoportuno.

Um mês mais tarde, o martelo se tornou numa marreta atingindo o coração da Igreja Católica Romana.<sup>1</sup> O frade agostiniano daquela noite de outubro era Martinho Lutero, e o manuscrito, aparentemente inocente, escrito em latim foi sua primeira arremetida contra Roma: as noventa e cinco teses.

### **O Século XVI da perspectiva religiosa e outras perspectivas**

Se Lutero reconhecia o fato ou não, a Reforma havia começado. O Papa Leão X logo iria ver a Igreja ruir debaixo de seus pés pontifícios

1. Roland H. Bainton, *Here I Stand* (New York: Abingdon Press, 1950), pp. 79ff.

## A HISTÓRIA DOS ANABATISTAS

e o teto desabar em torno de sua tiara adornada de joias. Esse foi um período de acontecimentos de excepcional magnitude, dos quais a publicação das noventa e cinco teses foi um deles.

Menos de 100 anos antes, o cisma papal havia chegado ao seu fim. A lembrança do espetáculo ridículo de dois e, às vezes, até três papas que se excomungavam entre si ainda atormentava o papado. Esse cisma provocou um extenso ceticismo que zombou das afirmações papais de infalibilidade. A execução vingativa de João Huss e a cremação póstuma e sem sentido de João Wycliff, por ordens do Concílio de Constança, serviram como lembranças macabras do poder diabólico de uma igreja secularizada. A expulsão sangrenta levada a cabo por Torquemada estabeleceu um novo modelo a ser seguido pelos procedimentos inquisitoriais, um mau presságio para o resto da Europa.<sup>2</sup> O Renascimento, com sua mistura peculiar de atributos pagãos e religiosos, conduziu a uma exposição de falsificações eclesiásticas medievais, tais como as decretais pseudo-isidorianas<sup>3</sup> e a Doação de Constantino.<sup>4\*</sup> O Renascimento foi o mais pagão em sua manifestação italiana e o mais religioso em seu desenvolvimento alemão.

Simultaneamente, com o Renascimento e sua cultura do livro em vias de desenvolvimento, a Europa estava experimentando várias e profundas mudanças econômicas e políticas. Aos poucos, o feudalismo foi cedendo lugar a uma economia monetária. Grandes instituições bancárias foram fundadas em Florença, Gênova, Augsburg e Antuérpia. A nova economia empobrecer muitos senhores feudais, enquanto enriquecia outros, fazendo surgir uma nova classe de mercadores e artesãos. Os camponeses ficaram presos num “jogo opressor” entre as demandas dos senhores e as necessidades básicas da vida, porque a nobreza

2. Thomas M. Lindsay, *A History of the Reformation* (Edinburgh: T. y T. Clark, 1907), 2:599–600. Lindsay escreve: “Llorente estimou que, durante os dezoito anos de presidência de Torquemada, 114.000 pessoas foram acusadas, das quais 10.220 foram queimadas vivas e 97.000 foram condenadas ora a prisão perpétua, ora a penitência pública”.

3. \*N. do T. As falsas decretais são formadas por uma coleção de decretos de um certo número de papas (de Clemente I a Gregório II) e de concílios sobre pontos doutrinários e de disciplina que tinham como objetivo o de engrandecer e sustentar a autoridade papal.

4. \*N. do T. Doações de territórios supostamente feitos pelo Imperador Constantino a favor da Igreja Romana.